

Teolinda Gersão, *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, Porto Editora, 2024

“AGORA SEI QUEM SOU.”

“SOU EU.”

Paulo Sucena

1. Na “Nota Inicial” de *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (*Autobiografia*), Teolinda Gersão informa o leitor de que construiu não um “romance histórico”, mas uma narrativa cujas personagens não são criação sua, são sujeitos empíricos cuja actividade, comportamentos e conexões intersubjectivas pretendeu analisar, com objectividade, no curso dos acontecimentos, visando produzir um discurso coerente e credível. Acrescento, desde já, que a *Autobiografia* assenta numa rigorosa e exaustiva investigação documental [Teolinda leu milhares de cartas trocadas entre as personagens deste livro] e na sólida e vasta cultura da autora, Professora Catedrática, que dela tem dado inequívocas provas, ao longo da vida, nos campos da ficção e do ensaio, entre outros.

Estamos perante uma biografia atravessada por uma intensidade narrativa idêntica àquela que foi vivida por Martha desde os vinte anos, e uma história isenta de lamúrias, antes perscrutada com severo e distanciado sentido crítico. De outro ângulo, deparamo-nos com uma escrita veemente, própria de quem tomou «consciência da terrível importância da vida» [F. Pessoa].

2. Martha começou a escrever a *Autobiografia* já octogenária, alguns anos depois da morte, em 1939, de Sigmund Freud, Sigi na *Autobiografia*. Porquê o diminutivo? Perguntará o leitor. Será por carinho que Martha usa o diminutivo familiar em todo o romance, fiel ao tempo em que, atraída fisicamente por Freud e pela sua «imaginação poderosa, o seu amor pela literatura, e a sua criatividade», se apaixonou por ele? Ou será por Martha considerar que Freud não conseguiu ultrapassar verdadeiramente as fronteiras do complexo universo da sua adolescência?

Encontrar uma linha de sentido que responda à dúvida é com certeza um objectivo estimulante para o leitor.

Os dois primeiros capítulos de *Autobiografia* são um pórtico admirável do romance, no qual nos deparamos com traços essenciais da personalidade da narradora que confessa, de forma despojada mas enérgica, a vontade e o medo de escrever sobre o que foi a sua vida e as conexões havidas com as pessoas que fizeram parte dela. O seu intuito, sublinhe-se, não é deixar uma queixa como herança, porque, escreve Martha, «queixar-me não está no meu feitio». O que a impeliu a escrever foi sentir que fruía a vida, sem dever nada a ninguém, num tempo que era *seu* e em que poderia livremente reflectir sobre o passado e tematizar a possibilidade de ainda ter no mundo um papel inteiramente seu. E isso era tão relevante que se interrogou se alguma vez o tivera «e, se sim, que papel fora esse».

Mas de uma coisa a narradora estava segura, a de que «além de Martha Freud, também tinha sido, e continuava a ser, Martha Bernays. «Sempre dissera isso a mim própria, mas esse facto parecia-me agora uma realidade remota, quase invisível, como se me tivesse perdido algures pelo caminho». Arrisco então dizer que a *Autobiografia* é uma busca ontológica, uma demanda de Martha Freud pela Martha Bernays antes do possessivo e impositivo comportamento de Sigi, desde o namoro, iniciado em 1882, a ter escomotizado.

Porém, ao interrogar-se sobre as consequências que poderiam advir da publicação das suas memórias, Martha enche-se de dúvidas de vária natureza e pergunta-se: «Terei [...] de apagar-me e remeter-me ao silêncio como sempre fiz?» É um questionar-se cheio de raiva e desespero, mas que «depois de dias de angústia e noites de insónias» esmoreceu tão intensamente que a levou à decisão de não continuar a escrever. E a destruir o que tinha escrito: «deito as folhas uma a uma na lareira, com os olhos doridos de lágrimas e de fumo».

Devo assinalar que, de uma forma muito hábil e literariamente muito bem conseguida, a narradora vai-nos dando conta que a sua *Autobiografia* iria chocar com uma narrativa alheia referente a Sigmund Freud, que

morreu quando usufruía, finalmente, de um inegável prestígio, narrativa «vigiada dia e noite com uma devoção quase religiosa por uma multidão...». Entre essa multidão há uma figura que avulta de forma inquestionável, a de sua filha Anna Freud, esplendidamente tratada num dos capítulos finais de *Autobiografia*. Na opinião da narradora, se algum editor contactasse a sua filha, informando-a de ter em seu poder as suas memórias, «Anna reclamaria de imediato o manuscrito e o destruiria».

Como em muitos momentos da sua vida, Martha sente-se entre a espada e a parede e pergunta-se «terei, ainda nesta última oportunidade, de apagar-me e remeter-me ao silêncio, como sempre fiz?». Num primeiro momento assim acontecerá, mas a verdade é que as memórias ora vêm ou se afastam, e num dia em que Martha se sentiu «imensamente livre» assumiu que «ninguém poderá pôr limites ao que penso» e decidiu retomar a escrita da *Autobiografia*, tendo como ponto de partida as mais de mil e quinhentas cartas trocadas entre si e Sigi. A narradora refere-se-lhes deste modo: «Toco-lhes com curiosidade, por vezes com alguma repugnância, como num cadáver que em parte apodreceu. Outras vezes sinto uma vaga ternura por nós dois. Fomos jovens e belos, frágeis e ignorantes. Mas tão diferentes um do outro, na verdade praticamente opostos».

Na casa dos oitenta anos, Martha Freud constata que «Sigi teve oportunidades de sobra para se procurar a si próprio, foi isso que fez, ao longo de toda a vida. Agora é a minha vez de procurar-me, e não só na relação com ele». «A Senhora Freud nunca deixou de ser também Martha Bernays, esse facto diz-me respeito, tenho direito de voltar a ele e de o avaliar».

Antes do início da diegese, propriamente dita, Teolinda Gersão brinda o leitor com uma centelha da sua arte literária ao referir-se à correspondência trocada com Sigi. A essa qualidade literária junto a inteligência com que foram escritos os dois primeiros capítulos de *Autobiografia*. Na verdade, é com notável argúcia que Teolinda Gersão espelha neles o clima e, de algum modo, o estilo que vai presidir ao discurso, enquanto abre subtilmente alguns dos veios da narrativa.

3. Fixemo-nos agora na narrativa a partir do terceiro capítulo, intitulado “O Início”, a qual se desenvolverá até ao capítulo 35.

A instância produtora do discurso de *Autobiografia* é assumida, de um modo homodiegético, por Martha Freud que não prescinde, em todos os momentos oportunos, de tecer considerações e formular juízos críticos sobre comportamentos e acontecimentos. Esta tónica do discurso da narradora sublima, de certa maneira, os silêncios e as cedências que Martha Freud teve de suportar na vida.

A propósito da narradora, uma questão se coloca. Se é uma Autobiografia não escrita por Martha Freud, como explicar que seja ela a narradora? Para facilitar a minha proposta de leitura do romance, vou considerar que Martha Freud, nascida no dia 26 de Julho de 1861 e falecida no dia 2 de Novembro de 1951, é um heterónimo de Teolinda Gersão. Ele tem a particularidade de não ser *un être de papier* criado pela romancista, mas um sujeito empírico que ela dota com os seus *poderes originais da criação* e os seus *poderes criadores da originalidade*, respeitando, todavia, o perfil sócio-histórico e cultural de Martha Freud, a fim de que a sua prosa não caia no pecado da inverosimilhança. Exemplo disso é a criadora do heterónimo não pôr Martha Freud, o que poderia acontecer com uma outra narradora, a dizer que em Julho do ano seguinte ao termo do trabalho de Sigi, em Paris, com o neurologista Jean-Martin Charcot, o poeta Antero de Quental foi consultar o sábio francês. Efectivamente, não era verosímil que Martha conhecesse Antero, muito menos ao nível desse pormenor.

Sublinho também que ao longo da *Autobiografia* é raro podermos concluir que autora e narradora se confundem. Um acontecimento tão relevante como o Holocausto mereceria com certeza um extenso e fundamentado comentário da autora, porém, a narradora nem sequer explora o facto, limita-se a dizer que a sua família e a do marido foram vítimas da Gestapo, de cujas garras o casal Freud e os filhos se livraram graças à amizade e influência da princesa Marie Bonaparte. A narradora Martha Freud, enquanto heterónimo de Teolinda Gersão, foi criada para, a partir da leitura do conteúdo de milhares de cartas de diferentes autores, com especialíssimo relevo para as suas e as de Sigi, deixar um

testemunho rigoroso e verdadeiro da vida da família Freud. Assim sendo, a criadora do heterónimo retirou-lhe a necessidade de reflectir sobre os contextos político-históricos do seu tempo, antes se preocupou em dotar o discurso de Martha apenas com um suporte ético e antropológico, mais do que psicológico.

Não obstante, existe como que uma fusão entre autora e narradora, quando há, ora mais ora menos explícitas, críticas produzidas pela narradora relativamente à sociedade em que vive. Uma sociedade conservadora que, entre outros aspectos, menoriza o papel da mulher na vida quotidiana [Martha dá de si uma imagem que a reduz a uma mera dona de casa, submissa ao império do marido] e se socorre da hipocrisia cínica em detrimento de princípios éticos e humanistas. Apreciações deste tipo, que perpassam em diferentes momentos de *Autobiografia*, terão a marca da autora na medida em que o leitor as pode projectar para a actualidade. Creio que este será um dos propósitos de Teolinda Gersão, atendendo a que a estrutura de *Autobiografia*, foi desenhada no sentido da busca de valores ontológicos e da fixação da verdade, opondo-se, desse modo, ao nosso tempo histórico que sofre tragicamente de escassez de princípios éticos, de transparente verdade política e em que a igualdade de género, nos seus diferentes aspectos, é um desígnio que permanece longe de ser atingido.

4. Tendo em conta a economia do texto e a complexidade das relações humanas descritas ao longo da narrativa, vou abordar apenas, respeitando o que a própria narradora escreve sobre os objectivos da sua escrita, as personagens principais, Sigi e Martha, e, pela sua importância na vida daquelas, debruçar-me-ei também sobre o papel de Minna, irmã de Martha e, na sua opinião, amante do marido, e o de Anna, filha mais nova do casal, admiravelmente tratada nos finais de *Autobiografia*. Mais do que tudo um prodígio de altruísmo que, a narradora não o diz mas eu sei, amava um poema de Rilke, intitulado “Der Dichter” [O Poeta], cujos versos finais a definiam: “Todas as coisas a que me dou / ficam ricas, mas empobrecem-me”.

Começemos por Sigi que nos é apresentado, a pouco e pouco, como um homem inseguro, desprovido de romantismo [Martha nunca mais

esqueceu que, numa carta de 25.9.1882, Sigi lhe disse que os seus olhos eram grandes «como dois pratos de sopa». Um homem possessivo, agressivo [«inúmeras vezes tentei ‘esquecer’ o seu lado agressivo», escreve Martha], castrador, homoerótico, ciumento [são absurdas as diferentes cenas de ciúmes descritas em *Autobiografia*], viciado em cigarros, vinho e cocaína, hipócrita [Martha diz que Sigi lhe chama sua *dona*, quando afinal a queria como sua *serva*].

É todo um retrato desenhado paciente e pormenorizadamente ao longo da narrativa, numa demonstração clara da segurança formal de Teolinda Gersão e do modo extremamente inteligente com que vai apetrechando o leitor para que possa entender a complexidade do relacionamento entre Sigi e Martha. Devo confessar que, para além da qualidade da linguagem, da acutilância do discurso e do saber narrativo, este foi um dos aspectos que mais me fascinaram na arte da autora de *Autobiografia*.

Com um noivo com aquelas características, é natural que Martha, perto do casamento, confesse que «eu era apenas a noiva de um homem insuportável, que nem sequer a doença podia ilibar de culpa». Mais adiante acrescenta «ao longo dos anos fui descobrindo um homem contraditório, enigmático, com uma personalidade “incompreensível”» que a fez viver como que «dançando sobre um vulcão», impelida por um marido em que havia «algo de destrutivo e violento» que ela não compreendia, porque «em qualquer século, sociedade, religião ou lugar, fazer sofrer quem se ama não é amor».

Foi um casamento que durante a viagem de núpcias melhorou, mas que começou mal. Martha confessa que na noite de núpcias sentira «uma grande falta de ternura e carinho, como era expectável de um “homem selvagem, com o corpo cheio de cocaína” [aqui cita o próprio Sigi].

A noite de núpcias veio confirmar o que Martha escrevera pouco antes do casamento: «Várias vezes me apeteceu deixá-lo. Sim, era o que merecia. E eu merecia outro homem, que me amasse muito mais e melhor do que ele». E ao longo dos anos foi percebendo cada vez melhor que Sigi «estava aprisionado dentro de si mesmo» e que ela própria já não tinha «piedade por ele», porque «aprendera entretanto a pensar em mim».

Será porventura nesse momento que Martha Freud inicia a sua demanda de uma Martha Bernays ainda não afectada pelos danos causados por Sigi?

De todos esses danos, não foi dos menores, pelo contrário, o causado pela descoberta da relação amorosa entre Sigi e Minna, sua cunhada. A dada altura Martha desabafa: «No fundo, embora recusasse saber, eu sabia: *Querias ambas, eu e Minna*» e confessa «não quero ler agora todas as vossas cartas, são demasiado revoltantes». Mais adiante, Martha escreve «oferecias-lhe o teu lado melhor, e guardavas para mim o teu gosto de sofrer e de me fazer sofrer». O final desta frase, idêntico ao conteúdo de tantas outras, fez-me lembrar o retrato que, numa síntese finíssima, Lou Andreas-Salomé fez de Nietzsche: «A história deste homem é, do princípio ao fim, uma biografia da dor».

A traição de Sigi foi tão relevante que Martha dedica um capítulo a percorrer com minúcia o processo de aproximação de Sigi a Minna, que trata com carinhosos diminutivos num tempo anterior ao seu casamento. No capítulo seguinte, Martha narra tudo o que considerava anormal na presença de Minna na sua casa, a começar pela promiscuidade dos seus aposentos e o da irmã. Minna tinha de passar pelo quarto de Sigi e de Martha, tenuemente separados.

Minna faleceu em 1941, mas muito antes desse ano, Martha escreveu: «A nossa vida que em tempos [...] imaginávamos sólida como rocha, implodira». Noutro passo, acrescenta: «A casa ruíra, mas eu não ficara sepultada nas ruínas. Voara antes disso para fora, e isso era para mim o essencial». «Já não me importava Sigi. Saíra do amor, devagar e a custo, mas saíra». «Não aguentei mais e libertei-me – silenciosamente, mas em definitivo. A tua traição e a minha humilhação nunca te perdoaria, nem a Minna». «Deixei de amar-te. No resto da vida viverás sem mim». Martha estava apta para continuar a percorrer o caminho de si para si que terminará quando concluir, como escreve no final de *Autobiografia*, a «longa revisitação das nossas vidas» a qual lhe permitiu saber quem de facto é.

Porém, antes de fechar a análise da *Autobiografia*, não posso deixar de me deter num dos momentos mais altos desta obra, que é tudo o que Martha escreveu sobre a sua filha mais nova, Anna, que, por ser tão traquinas ou, se preferem endiabrada, na infância, o pai apelidava de *Schwarzer Teufel*, Diabo Negro.

A dado momento, Martha escreve: «só mais tarde percebi até que ponto Anna nascera numa casa em ruínas e num casamento que se desmoronava, onde cada um seguia a sua vida e a mandava para longe ou deixava para trás, como se fosse um estorvo». Além de nascer num lar desfeito, Anna foi sujeita a «uma apendicectomia aos doze anos» e foi vítima de «tuberculose aos vinte e dois». «O sentimento de ser “menos” ou “diferente” dos irmãos iria marcá-la para toda a vida». Não obstante, fez um esforço para «ganhar o nosso afecto, em que Sigi teria o lugar principal: Anna escreveu-lhe desde a infância e desde sempre foi ele o seu preferido», tanto que um dia escreveu ao pai a dizer-lhe que tinha saudades de ele lhe chamar *Schwarzer Teufel*.

Assinalo que as anteriores palavras da narradora nos deixam um discreto sinal do que será a futura dependência de Anna do pai e a sua consequente entrega a ele, sem ter, escreve Martha, «a menor ideia de que está a ser *desencaminhada*, que o pai a quer guardar para si quando as outras filhas já partiram». A palavra *desencaminhada*, escrita em itálico, poderá ser compreendida pela citação que vou fazer mais adiante. Anna é para Sigi, a sua Cordelia, a sua filha favorita, tal como a personagem de Shakespeare era a favorita do Rei Lear, seu pai.

Quando nenhuma mulher havia na vida de Sigi, nem Martha nem Minna, Sigi guardara Anna para si, «fechada em casa, possuía-a mentalmente no divã do consultório, soube os seus pensamentos, desejos, sonhos e segredos, mesmo os mais inconfessáveis, os seus medos e pesadelos mais terríveis, e, por querê-la só para si, afastou dela os homens e roubou-lhe o amor, a maturidade, a feminilidade e a alegria». Possivelmente com marca autoral, lemos na *Autobiografia* que Sigi, como Lúcifer, sofria do pecado da *hybris*, pecado da arrogância, da confiança excessiva que passa os limites, indiferente a regras éticas ou morais. Traços de personalidade de Sigi com que Martha polvilha a narrativa.

Perto do termo da *Autobiografia*, a narradora informa que na casa havia três velhos, ela, o marido e a irmã e então escreve «chegou a vez de Anna ser a sua terceira mulher [...]». Apesar de Anna ter hesitado muito entre sair ou não sair de casa, «a partir de 1923 [escreve Martha], e de Sigi receber o diagnóstico de cancro na boca, Anna não teve dúvidas e ofereceu-lhe, sem condições, a sua vida», de que ele tanto precisava, como confessou ao seu irmão Alexander «sem ela sentir-me-ia completamente perdido».

Isso não aconteceu porque «Anna estará até ao fim a seu lado», mostrando ser «imune à sensação de nojo e não recuava perante o cheiro nauseabundo da necrose da sua boca, que nem o cão suportava». Quando a situação de Sigi não era mais do que sofrimento, conforme o combinado com o seu médico, Max Schur, foram-lhe administradas «duas injeções letais de morfina», segundo a narradora por uma enfermeira amiga de Anna, sem que Sigi o saiba, «tudo será feito em segredo, como lhe agradaria, o secretismo sempre teve na sua vida um lugar central». Não sei se esta é outra marca autoral, porque o que li nas biografias de Freud foi que as injeções de morfina foram dadas por Max Schur em dois dias consecutivos.

Martha faz sair Sigi de cena como se ele fosse Édipo «um pária na treva em que tudo, dentro e fora dele, se converteu» e, socorrendo-se de Sófocles, escreve: «Só Antígona não o abandona, o acompanha e ampara, na noite infinita do exílio. Assim também foi Anna».

«Na tragédia de Sófocles, escreve Martha, Antígona é enterrada viva por desobedecer à lei da cidade e dar sepultura ao seu irmão Polinices, morre por amor ao sangue do seu sangue. Também Anna dará a sua vida a Sigi e à psicanálise, sua irmã gémea, ambas nascidas do sémen e da mente do mesmo pai». Com mais ou menos marca autoral, esta é uma magistral síntese da imagem que Martha tem do marido e da filha.

5. O texto já vai muito longo, por isso vou sintetizar a substância da demanda de Martha usando palavras dela. «Percorri o meu caminho, Sigi, procurei-me na relação contigo e para além dela, quis saber quem fui, quem sou agora, e como fui sendo até chegar aqui». «Não te deixei

destruir-me, fui tecendo um fio que me guiou para sair do labirinto [...], agora sei quem sou»

«Sou eu».

Chego ao fim desta proposta de leitura de *Autobiografia não escrita de Martha Freud* com a convicção de que a riqueza do romance de Teolinda Gersão me suscitou agora a que será apenas uma primeira leitura e que, em qualquer dos anos seguintes, ela vai ser outra com certeza. Deste modo, apetece-me parafrasear o Gide das *Les Nourritures terrestres* e pedir ao leitor, deita fora este meu texto e reescreve tu próprio este romance como quem sabe que uma casa pode ter janelas abertas ao vento leste e ao vento suão, umas viradas para a agressividade das nortadas e outras para a melancolia do poente.

A *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, pela qualidade da escrita, pela complexidade da diegese e pela excelente estrutura narrativa, exige essa postura de cada um dos seus leitores.

Lisboa, 18 de dezembro de 2025